

# Diz-me o que lê's, dir-te-ei quem és

João Boavida

**João Boavida**

Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

ORCID: 0000-0002-4400-7242

[https://doi.org/10.14195/1647-8622\\_21\\_11](https://doi.org/10.14195/1647-8622_21_11)

(Página deixada propositadamente em branco)

## 1. Sinais de alarme

Penso que no Ministério da Educação já deviam ter-se acendido sinais de alarme, mas, pelos vistos, dormita e não se apercebe do que está a acontecer nem tem consciência das suas implicações. Ou então percebe e é isso que quer, ou seja, reduzir o nível cultural da população, condenar as grandes massas a níveis baixos de educação. O problema devia estar já a provocar um debate nacional mas as televisões, que são os grandes educadores da classe operária e da pequena burguesia escondem, sob uma avalanche noticiosa sem interesse, os problemas que nos vão condenar à ignorância e ao atraso.

Dentro deste aspeto mais geral ninguém parece preocupar-se com o alarmante défice de leitura entre os jovens. A qual, tudo indica, está a aumentar em virtude da praga dos jogos vídeo, do recurso aos telemóveis como fonte de toda a informação e do domínio absoluto do audiovisual. Os livros limitam-se, na maioria dos casos, aos didáticos, e mesmo estes com tendência a ser vistos como tropeços pesados.

## 2. O desábito de leitura

Há no tema do gosto pela leitura uma interação que pode passar despercebida. Um leitor feito exige-a e consome-a, e a boa leitura cria leitores e alimenta os mais exigentes. Por outro lado, a leitura vive dos leitores e, sem leitores, a informação e usufruição que os livros proporcionam estiolam e morrem. Se não criarmos leitores deixaremos sem os seus benefícios grandes massas, que tenderão a aumentar porque a falta de leitura acrescenta o desinteresse e a incapacidade de tirar dela todo o benefício. E, deste modo, a imensa riqueza que os livros encerram e que se foi acumulando ao longo de séculos, chega cada vez menos aos cidadãos. E embora se possa dizer que temos a geração mais preparada, e ainda bem (embora andemos a encher demasiado a boca com isso) estamos a matar os verdadeiros leitores e, portanto, a prazo, a cultura que nos fez chegar a este ponto. Mas não só, também as relações humanas, a compreensão dos outros, a riqueza e a harmonia sociais, tendem, sem leitura, a ser superficiais, limitadas, áridas e dicotómicas. Assistimos a um esvaziamento cultural sem que as vítimas dele se apercebam.

Embora possamos falar de muitas causas para esta situação, a principal parece óbvia. A leitura precisa de músculo, e os músculos devem exercitar-se. Um atleta faz-se com esforço e persistência, e muito superiores aos necessários para que qualquer alfabetizado se torne num bom leitor. A leitura necessita, portanto, de educação, e ou a família ou a escola, de preferência as duas, criam hábitos de leitura ou essa necessidade dificilmente aparecerá.

## 3. Formação e complexidade humana

A princípio terá de haver alguma pressão e continuidade, mas vale a pena insistir porque, a prazo, as vantagens são incalculáveis. O futuro do jovem depende, em boa medida, da variedade e riqueza das leituras que for fazendo, porque disso depende o aprender, o relacionar, o pensar, o falar, o escrever, o interpretar, em suma, quase tudo o que é

necessário para a formação de um ser humano. A leitura aperfeiçoa o discurso, complexifica e potencia a sintaxe, aumenta o vocabulário e, necessariamente, a capacidade intelectual. Sem isto não conseguimos pensar com complexidade nem entender pensamentos mais exigentes.

O suporte das leituras até pode mudar, a revolução tecnológica já descobriu vias de informação diferentes do livro, mas suprimir a leitura não parece possível sem uma perda irreparável no acesso ao pensamento complexo que o discurso racional e a multiplicidade de perspectivas intelectuais proporcionam. Até talvez possa vir a acontecer no futuro a sua substituição por outros meios, mas, atualmente, o modo como os jovens usam e abusam das técnicas digitais incapacita-os, pela predominância do visual e dos estímulos instantâneos e incessantes, para o pensamento racional e o discurso ponderado e reflexivo. Por isso a desvalorização da formação cultural e literária substituindo-a por uma tecnológica, prática, apressada e voltada para a rentabilização imediata irá provocar inevitavelmente um empobrecimento humano e social. O bom técnico não é uma máquina, é uma pessoa, uma entidade complexa que necessita de formação em função dessa complexidade, e adequada a ela para que possa ser reutilizada em termos sociais e pessoais.

#### 4. A dimensão estética

Para além da vertente cultural e científica que os livros encerram há outra igualmente importante. Falo do enorme prazer – entusiasmo, felicidade – que uma obra literária pode proporcionar. A vida ganha outra dimensão, outro patamar de qualidade e prazer. A usufruição do belo é essencial para a humanização e a qualificação de cada um. Todos sabem isto, ou, pelo menos, dizem-no, mas nem todos parecem ter percebido a função da fruição artística no desenvolvimento e na felicidade das pessoas. Tal como a música, as artes visuais e todas as outras artes, a literatura é uma contínua fonte de prazer e um fator da maior importância para a qualidade de vida. Mas não é logo, como qualquer outra educação o gosto literário tem que ser desenvolvido e apurado. É necessário criar hábitos de leitura para que a educação do gosto alcance a usufruição que só a beleza proporciona. A partir daí não é preciso pedir pelo amor de Deus a ninguém para ler, a boa leitura será procurada espontaneamente.

É evidente que a maior parte das famílias não tem noção desta necessidade (ou tem-na vagamente) e menos ainda de metodologias adequadas para criar um bom leitor. E é aqui que deve entrar a escola. Que sempre se preocupou, ou disse preocupar-se, com a formação literária básica dos alunos, mas que, em geral, passa ao lado do que é importante, desde logo porque muitos professores têm carência de formação nesta perspectiva. Não seremos capazes de passar aos jovens o entusiasmo e a necessidade da leitura se os professores os não tiverem. E mesmo os mais competentes – e há muitos que o são, sem dúvida – talvez nem sempre usem métodos eficazes, nem apliquem formas de avaliação específicas para medir o gosto literário e obrigar, de facto, ao seu desenvolvimento. Sem uma intervenção adequada nestas vertentes a sedução da leitura reduz-se dramaticamente, a formação fica comprometida e não passará de “uma seca”, como eles dizem.

## 5. O específico literário

É indispensável reconhecer, desde logo, que há uma especificidade literária que não pode ser substituída por nada. E que a própria formação e avaliação dos professores, sobretudo dos de Português, tem que ter isto em conta. Torna-se portanto indispensável começar a avaliar os professores de Português, e os candidatos a professores, por esta capacidade de aceder, apreciar e fazer apreciar o específico da literatura.

Por outro lado, e como componente fundamental da formação, são indispensáveis provas de avaliação onde a dimensão apreciativa dos alunos seja testada de facto. Não vale a pena os alunos saberem os enredos das obras pelo que leram em resumos. É um engano para todos. Se as perguntas nos exames forem deste género, ou até mesmo sobre escolas literárias, épocas, periodizações e características de movimentos literários, o gosto pela leitura não crescerá e o mais importante ficará de fora.

É no específico literário que é preciso batalhar, isto é, incitar à leitura pelo gosto que ela pode dar; é aí que a batalha se ganha ou se perde. No prazer da leitura está o segredo do sucesso pela sensação de crescimento interior, de alargamento de horizontes e de experiências múltiplas que as grandes obras proporcionam.

## 6. A especificidade dos domínios artísticos

É claro que cada domínio artístico tem a sua linguagem específica, e é em cada um delas que temos que assentar a educação porque é aí que se pode obter o mais formativo de cada arte. Não é aceitável dizer, por exemplo, que não é preciso ler um dado livro porque já se viu um filme feito a partir dele, ou que andamos a seguir a telenovela. O livro tem os seus próprios meios de sedução, no enredo e na variedade das situações, na riqueza das personagens, na coerência do todo da obra, e sobretudo naquilo que não pode ser substituído por nada, a sua específica qualidade literária; é por aí que uma obra se salva ou se perde. Não é pois legítima a substituição de uma coisa pela outra porque a linguagem cinematográfica, ou a televisiva, são diferentes da linguagem literária, como, de resto, são diferentes entre si. Há uma especificidade literária, como há uma pictórica, outra fotográfica, outra arquitetónica, cénica, cinematográfica e por aí adiante. E para alcançar e usufruir da expressividade artística de uma dada arte é preciso entrar na específica linguagem desse domínio artístico, e é aí que reside o que mais importa. Não se trata de ser especialista mas ter a formação mínima para exigir qualidade, do mesmo modo que não será preciso ser cineasta para apreender a qualidade cinematográfica, por exemplo.

## 7. A diversidade entre as linguagens artísticas

Esta dimensão é, por essência, potencial. Se lermos cem autores dos canonicamente mais conceituados, poderemos verificar que são todos diferentes. E poderemos ter a certeza de que outros virão, no futuro, alargar este leque. Por isso tanto podemos pensar que, como às vezes se diz, numa dada arte já tudo foi dito, como considerar, e verificar, que tudo está em aberto e, em certa medida, tudo está por dizer. Os sentimentos e as

peripécias humanas não são hoje muito diferentes do que eram há milhares de anos, mas é o modo de os tratar que vai variando e, por isso, podemos dizer que são sempre novos sendo sempre os mesmos.

Mas sejam quais forem esses modos, sempre a qualidade estética terá que estar presente. Para lá dos sentimentos e dramas, que não devem ser desvalorizados no conjunto duma obra, a beleza literária é sobretudo aquela que a estrutura frásica proporciona, a harmonia entre conteúdo e forma, (a funcionalidade de um com o outro), a adequação e riqueza vocabular, o ritmo, enfim, inúmeros aspetos desde os grandes planos aos pormenores. Dou um exemplo da minha experiência, que não será exemplar mas, para mim, foi importante. Por volta dos 15, 16 anos li a *Via sinuosa* de Aquilino Ribeiro, e ainda hoje permanece o sabor que as palavras nele têm, o elegante da construção frásica, o humano e pícaro das personagens, a sugestão dos ambientes, a portugalidade profunda da Beira Alta. Não é fácil a leitura de Aquilino, sobretudo pelo léxico, que nos obriga com frequência ao dicionário, mas mostra-nos a riqueza da nossa língua, e numa época em que o vocabulário usado se reduz a uma parte ínfima das suas potencialidades, não haverá melhor educador literário que Aquilino Ribeiro. Será difícil, mas desenvolve em nós um músculo fundamental para qualquer leitura que venha a seguir, porque estabelece uma exigência, uma bitola de qualidade e um treino que não se perdem. Mas se lermos um autor mais acessível como Eça de Queirós, naquela viagem inesquecível de *A cidade e as serras*, até Tormes, por exemplo, é como se entrássemos noutra realidade com a mesma portugalidade em fundo tão tocante e tão formativa. É outra estética mas uma igual fonte de prazer. Como é que se pode educar um ser pleno sem o pôr em contacto com estas páginas da literatura portuguesa?

## 8. O prazer da leitura

Talvez seja necessário superar algum preconceito contra o prazer que nos terá ficado da cultura judaico-cristã, tendencialmente sofredora e punitiva. Por outro lado, habituados a valorizar o aspeto informativo e científico, haverá quem não veja no prazer que um bom texto proporciona uma dimensão importante. Quando falo em prazer em literatura, quero referir-me a algo equivalente ao prazer que se desfruta ouvindo, por exemplo, os “Concertos Brandeburgueses” de J.S. Bach, a “Pastoral” de Beethoven ou o “Concerto em lá maior”, de Carlos Seixas. Podíamos também falar de “Verdes anos” de Carlos Paredes, de quase tudo do José Afonso e de muitos outros exemplos musicais. Ou quando apreciamos as pinturas de um Rubens, ou de um John Constable, ou de um Amadeu de Sousa Cardoso, embora muito diferentes entre si, todas são capazes de produzir em nós admiração e entusiasmo. Mas nos outros domínios artísticos acontece o mesmo. Quando contemplamos o Pártenon de Atenas, a Ópera de Sydney, ou o Mosteiro da Batalha, por exemplo, ou quando apreciamos esculturas de Rodin, Teixeira Lopes ou João de Ruão, embora muito diferentes, somos igualmente puxados por uma força que nos transcende, que parece vir de muito longe e de muito fundo e que, de algum modo, nos assimila ao processo criativo. E que, portanto, nos engrandece e reconcilia com o génio humano e os produtos culturais que produziu e continua a produzir. Ora, isto são dimensões educativas e humanizantes da maior importância.

## 9. A utilidade do inútil

De um ponto de vista meramente pragmático a arte é inútil, tal como a cultura, mas é dos maiores fatores da humanização a que já se chegou. Porque não só cria como vai ao fundo das pessoas, entusiasma-as, engrandece-as, confronta-as com as componentes mais profundas e vibrantes da sua natureza, além de ser um valiosíssimo fator estruturante e funcional das sociedades e das relações humanas. E de tal maneira que nem damos por isso a maior parte das vezes. No seu livro *Utilidade do inútil*, Nuccio Ordine conta uma anedota que David Foster Wallace costumava contar aos seus alunos: «Dois jovens peixes vão nadando, e a certa altura encontram um peixe já velho, que vai em sentido oposto, lhes faz um gesto de saudação e diz: Vivam, rapazes. Que tal está a água? Os dois peixes jovens nadam mais um pouco e depois um deles vira-se para o outro e diz: Que raio de coisa é a água?»

Ora, a leitura é, pelo poder irradiante e dinamizador que tem, o veículo por excelência da cultura, na sua forma mais depurada e interativa, e é, no seu sentido mais geral, a base de toda a estrutura social e a raiz de todos os desenvolvimentos futuros. E o gosto pela leitura – o prazer de ler – proporciona-nos o acesso e apreciação do melhor das civilizações e da experiência da humanidade como um todo. Tem pois uma dimensão informativa vastíssima e diversificada e, do ponto de vista estético e humano, uma função estimulante e humanizadora. Por isso é mais necessário educar o gosto de ler do que estimular o ler por obrigação, porque, obtido o primeiro, o segundo transforma-se também em gosto e a obrigação deixa de o ser e passa também a ser prazer.

## 10. Onde está a beleza literária?

Pois, é uma boa pergunta. Talvez não saibamos dizer o que ela é, mas quase sempre sabemos reconhecê-la quando a encontramos. Repare-se no começo de *O anjo ancorado*, de José Cardoso Pires: «Num dia de Abril de 1957, pela hora da tarde, apareceu em certa aldeola da costa um carro aberto, veloz como o pensamento». Li esta frase, pela primeira vez, teria 15 ou 16 anos, e fiquei logo cativado não pelo que dizia mas pelo modo como o fazia e pela sugestão que provocava. Há uma síntese de contenção e de ressonância, de sensibilidade e de projeção que me prendeu imediatamente e criou uma adesão à escrita do autor que nunca mais me abandonou. Ou seja, houve uma consonância entre o autor e o leitor, uma simbiose, como se ambos executassem uma peça de piano a quatro mãos.

Penso que é aqui que reside o segredo das grandes obras literárias. Não quero dizer que todos tenham obrigação de sentir o mesmo, e menos ainda que isso lhes retire qualidade de leitores. É qualquer coisa que depende de muitos fatores, mas que se manifesta de maneira relativamente idêntica. Os exemplos podiam multiplicar-se, umas vezes somos mais tocados por um aspeto, outras vezes por outro, algumas vezes por vários, e até por nenhum, mesmo em obras de reconhecida qualidade. O que só valoriza a função do leitor como alter-ego do autor, como elemento indispensável à díade que, ao ler, ambos formam.

## 11. A conversão pela literatura

Tem havido a tentação de pôr a arte ao serviço de certas propostas sociais e políticas. É um erro. Embora relacionadas, arte e política são de natureza diferente. As questões sociais e políticas devem ser resolvidas por outras vias. Pôr a arte, seja ela qual for, ao serviço das ideologias ou dos programas políticos, deu sempre mau resultado. A arte precisa de liberdade, sem ela tropeça e empobrece imediatamente, e o acréscimo de sensibilidade e a reformulação interior que proporciona ficam comprometidas.

Uma coisa é portanto a arte ao serviço de uma ideologia política ou norma moral, outra é o efeito que uma obra, sem intuítos doutrinários, pode despertar no leitor em termos psicológicos, intelectuais, sociais ou até políticos. A arte é formativa não porque o deve ser, mas sendo-o apesar de não o querer ser. Contudo, para que isto aconteça, tem que ter qualidade, e para isso tem que ser livre. A arte educa na medida em que congrega e dinamiza o mais autêntico da natureza humana; o seu melhor.

Mas quando se diz “melhor”, não é tanto em termos éticos, ou morais, mas humanos, no bom e no mau que na natureza humana se manifesta. As grandes obras estruturam psicológica e intelectualmente um ser em formação, e até um indivíduo já formado, na medida em que o ser humano é educável e está sempre em formação. Também podem deformar, mas isso é o preço a pagar por uma arte que, sendo livre, é libertadora, e ao libertar pode também desequilibrar ou destruir. Exemplos disso foram os excessos a que chegaram certos românticos e certos modernistas, mas isso não afeta a arte mas sim alguns dos seus cultores, ou escolas.

## 12. A formação pelos livros

É neste sentido que se fala em livros formativos. É conhecido o caso clássico de S. Agostinho, que se transformou de um homem estouvado e libertino num dos grandes teóricos do cristianismo, a partir da leitura de *Hortensius*, de Marco Túlio Cícero, segundo confessou. Há leituras que transformam profundamente uma pessoa. Embora o meu caso não tenha nada de extraordinário, e certamente haverá melhores, nunca poderei esquecer a impressão que me provocou a leitura, quando adolescente, de *Aparição*, de Virgílio Ferreira. De súbito, com essa leitura, eu descobri em mim uma pessoa, um *eu* que era capaz de se voltar para si e de sentir isso como um mistério a desvendar e uma dinamização intelectual. É claro que eu já sabia quem era, tinha bilhete de identidade, mas o livro levou-me muito mais longe, e fez nascer em mim uma força nova, mesmo que não percebesse o que era e o que significava. A partir daí a vida ganhou outra riqueza e complexidade ao confrontar-me com mistérios e dilemas novos como, por exemplo, a dificuldade em, simultaneamente, aceitar e não aceitar a existência de Deus, a sensação de infinitude pessoal e a certeza da finitude e, sobretudo, a centralidade do eu – de qualquer eu – em função do qual tudo se organiza e, ao mesmo tempo, ver a insignificância e fragilidade desse eu. Não é impunemente que na adolescência se vivem existencialmente estes problemas. Tudo isto, e muito mais, o livro me revelou, como se fosse, de facto, uma “aparição”.

### 13. A largueza da beleza

Por outro lado, quando falo em beleza deve entender-se em sentido largo e multifacetado, pois as formas de a obter e vivenciar são quase infinitas. E, portanto, nesse prazer de que falo, entra a dor humana, o sofrimento, o drama, a comédia, o humor, o ódio, a vingança e todos os sentimentos, desde os mais elevados aos mais repugnantes. Na literatura nada do que é humano lhe é estranho, é isso que a faz grande e só assim a beleza poderá ser alcançada e permanecer, renovando-se a cada novo leitor e proporcionando-lhe conforto ou perturbação, mas também felicidade no sentido largo de horizontes que se abrem e experiências que se vivenciam. Porque, e como já se disse, dela, não pode estar arredada a participação do leitor, a sua capacidade de sentir e reformular, requalificando-se ele próprio nesse processo. A obra de arte bem conseguida solicita-nos profundamente. Quem não passou já pelo desgosto de, no final de um livro empolgante, viver um sentimento de orfandade porque se lhe esvaiu esse mundo maravilhoso em que viveu mergulhado? E quem, ao sair de um bom filme, não sentiu a dolorosa adaptação à realidade, que lhe parece agora pobre e sem interesse? E no final de um grande concerto, quem não experimentou algo de parecido?

Nenhuma obra é estática, no sentido de que ela, de algum modo, evolui com o usufruidor. Quem não voltou alguma vez a reler livros, ou passagens, que o marcaram? E quem não sentiu, ao voltar a um livro, como havia nele muito mais do que antes vira e apreciara? Ou, pelo contrário, quem não teve a amarga sensação de verificar que um livro, que anteriormente o empolgara, o deixa agora quase indiferente porque entretanto evoluiu e está mais exigente? A obra interage connosco, estimula-nos, provoca-nos, nós somos agentes que interferem no seu percurso. Acontece ainda que nem sempre um bom livro nos encontra na altura certa, e que não apreciamos logo uma obra que o merece porque ainda não temos a maturidade ou o desenvolvimento que ela exige. Por isso é que a iniciação na leitura tem que ser feita com conhecimento de causa e competência pedagógica.

Enfim, os domínios artísticos variam, os padrões de gosto multiplicam-se, as modas vão e vêm, passam, mas as obras que souberam captar a natureza humana nas suas mais fundas e autênticas manifestações, perdurarão, nem que, temporariamente sejam esquecidas.

### 14. Padrões de exigência

Com efeito, se a obra não tiver qualidade não conseguirá sobreviver por muito tempo. Tem havido inúmeras tentativas de impor obras menores, por razões políticas, sociais, raciais, nacionalistas e outras, mas é trabalho inútil; mais tarde ou mais cedo cairão no esquecimento. As grandes obras resistem aos séculos, veja-se o caso da *Eneida*, de Virgílio, por exemplo, que ao fim de 2.000 anos, embora difícil, é uma obra que alcança os mais altos padrões de qualidade. Outro exemplo, o *Satyricon* de Petrónio, que andou perdido e do qual só se conhecem cerca de 2/3, mas que continua a impor-se pela sua qualidade literária e por uma evidente modernidade quase vinte séculos depois de ter sido escrito.

As grandes obras são precisamente aquelas que alcançaram um reconhecimento alargado e se tornaram clássicas. São as obras que acabam por estabelecer padrões que condicionam as produções posteriores, estabelecem cânones a partir dos quais as

vindouras são avaliadas e apreciadas. No final, importante é o que vai ficando da espuma dos dias, o tempo acaba sempre por repor as coisas no seu devido lugar. Por que razão foco este ponto da qualidade como elemento determinante a ter em conta no gosto pela leitura? Porque é nestes padrões de exigência que a formação dos leitores terá de se fazer, e não com leituras de obras menores.

Há quem diga que hoje se lê pouco. E outros contrapõem que não é verdade pois nunca se leu tanto nem tão generalizadamente. Ambas as asserções parecem verdadeiras, basta lembrar a maior escolaridade atual e o número muito maior de estudantes que frequentam hoje as escolas, para se reconhecer que há muito mais gente a praticar e a usar a leitura. Mas, 1º, ser alfabetizado não é saber ler, e muito menos ser leitor informado e exigente; 2º, haver muita gente a ler não quer dizer que, percentualmente, se leia melhor do que noutros tempos. Sempre se editou literatura de duvidosa qualidade, mas atualmente ela não parece ter diminuído; antes pelo contrário, tudo indica que a má literatura acompanha, em termos percentuais, o atual aumento de leitores, e tendo em conta o muito que se publica temos que concluir que a escolaridade não terá feito tanto quanto devia fazer.

## 15. Fatores de distorção

Mas nem sempre as coisas são assim tão simples. Tudo isto é problemático, porque dinâmico, uma vez é reversível, outras, cíclico, outras ainda dialético; é enorme a força das modas, das influências, das escolas. A própria necessidade de renovação o exige, porque sem esta vitalização a arte morre. No campo da literatura, a influência que a língua francesa exerceu até aos começos do século XX, foi enorme, o número de autores franceses apreciados era superior a qualquer outra língua. Na aristocracia russa era de bom-tom as pessoas expressarem-se em francês. Hoje o inglês domina em todo o mundo como língua franca. Não haveria problema nenhum se isso não secundarizasse literariamente muitas outras línguas e, a prazo, as não pusesse em perigo. Basta analisar a quantidade de premiados do Nobel das últimas décadas, que se expressam em inglês, para ter noção das desvantagens das outras línguas relativamente a ela e, claro, dos autores que nelas se expressam. Embora o prémio Nobel não garanta a excelência da obra nem do autor, e que a qualidade acaba por se impor, há fatores de distorção e dinâmicas enviesadas pela predominância de certas línguas e de determinados mercados, que estimulam uns e inibem outros. E como isso não é contabilizável nem suscetível de correção muitos ficarão na sombra por causa desse ruído perturbador.

## 16. A formação do gosto

Há pois tantas maneiras de fazer grandes obras que até me custa falar de algumas pelo esquecimento de tantas outras, mas, quanto à formação do gosto literário nas crianças e nos jovens, sem a qual nada se alcança, penso que não seria preciso muito. Seria um grande fator formativo, por exemplo, começar muito cedo pela leitura de textos escolhidos, de variadas proveniências, características, e sensibilidades. Bons textos,

escolhidos com critério e lidos corretamente podem sensibilizar os jovens, entusiasma-los até, desde que se trabalhe com critério e continuidade.

Leituras, adequadas, com pronúncia correta, respeitando a pontuação e o ritmo, como certas pessoas são capazes, por certo fariam milagres na difusão do bom gosto literário. Ou, pelo menos, numa certa apetência e disponibilidade. Quem nunca ouviu o “Sentimento de um ocidental”, de Cesário Verde, recitado por Mário Viegas? Ou a “Toada de Portalegre” de José Régio, pelo João Villaret? Ou alguns magníficos poemas de Ruy Belo ditos primorosamente por Luís Miguel Cintra? Ou quem nunca reparou naquela belíssima canção de José Afonso “Verdes são os campos”, a partir de um mote dado a Luís de Camões? Ou, já depois disso, e com algum escândalo nacional, poemas também de Camões, David Mourão Ferreira e Alexandre O’Neil cantados por Amália? Para não falar na famosíssima “Pedra filosofal” com poema de António Gedeão e interpretação de Manuel Freire. Tudo formas de realçar o valor literário de poemas e de iniciar as pessoas nessa sensibilização que, sem isso, ficariam esquecidos, e que ao exigirem composições musicais de qualidade, levaram aos mais distraídos belas manifestações dos dois domínios artísticos.

Sendo assim, por que não enriquecer, nas escolas, as leituras com apoios visuais, musicais e cénicos? Não será possível formar uma boa bateria de textos escolhidos e tratados pedagogicamente para apoiar os professores? Imaginem uma seleção das melhores poesias portuguesas, partindo das mais acessíveis, coloridas e musicais, ditas por bons declamadores e acompanhadas de fundos paisagísticos e musicais adequados. Não seria uma boa maneira de começar a educar os jovens num domínio habitualmente tão desprezado nas nossas escolas como é a poesia?

Mas seria preciso, já o dissemos, definir simultaneamente meios de verificar se esta sensibilidade foi ou não alcançada. Com os recursos audiovisuais que há hoje será muito difícil ao Ministério da Educação fornecer às escolas uma boa coleção de objetos educativos deste género convenientemente preparados? E fazer uma preparação dos professores para o seu melhor aproveitamento? E criar processos de avaliação realmente adequados a estes objetivos e que meçam o nível a que se chegou? Em breve teríamos muito mais pessoas recetivas e com mais vontade de ler. Quem duvida?

(Página deixada propositadamente em branco)